

2010), que analizan de modo certo o clima estudantil na Compostela dos pasados anos sesenta con atención á dialéctica entre o poder franquista e as dinámicas a prol da emancipación democrática,

- da *Historia de las mujeres en Galicia* de Ofelia Rey Castelao e Serrana Rial (Nigratrea, Vigo, 2009), onde se adica un capítulo de síntese sobre a alfabetización feminina no espazo estudado (séculos XVII a mediados do XIX).

Manifestacións todas do facer historiográfico educativo do noso presente.

Antón Costa Rico

Rogério Fernandes: cidadão e historiador da educación (1933-2010)

“Em cada momento inovador o que está em xogo non é apenas o “pedagógico” senón que tamén o proxecto social e educativo que o sustenta e nele se acha mais ou menos oculto.”

Recordar Rogério Fernandes é para nós, cidadáns/ãos a vivir en democracia e historiadoras/es da educación un deber de memoria, pois a súa vida, como “obra acabada”, sintetiza as dificultades, as lutas, os silenciamentos, os recuos e as conquistas da sociedade portuguesa. Vemos nela a alegría do noso mellor esforzo, a forza do saber resistir ás tibiezas da mediocridade e a coragem de lutar polo sonho.

A memoria do Profesor Rogério Fernandes ficará indelevelmente ligada á luta por unha educación básica de calidade para todas as crianzas, polo esforzo de coñecemento da nosa realidade educativa, integrada nos circuitos do pensamento europeo e transatlántico que caracterizan a historia colectiva portuguesa. É pois em torno da educación que lembraremos algúns momentos, experiencias e traballos que realizou, tendo presente que a súa vida e obra non son redutíbeis ao seu traballo historiográfico, por mais importante que ele nos pareça.

No Portugal de Abril, “o esforzo de recuperación do patrimonio cultural portugués”, o estudo “do pasado da educación nacional, assim como do pensamento e da acción daqueles que a modelaram” era para ele “un aspecto substantivo do regreso do País aos camiños da democracia, do progreso social e da independencia, e portanto da afirmación da nosa propia identidade. Em 1974, Rogério Fernandes tinha unha percepción clara da importancia da transformación política e social da España para a consolidación das nosas propias conquistas. Assim comprendi as palabras sentidas que José María Hernández Díaz me expresou a quando da noticia do seu falecemento em 4 de Marzo: “para mi y para muchos españoles era un simbolo de libertad, cooperación, fraternidad y universalidad plena a través de la educación y la historia de la educación en particular.” Desde a súa participación no movemento estudantil (1951-55), que a educación se tornou a causa da súa vida. *A Batalha Socialista pela Democratización do Ensino*, comunicación ao II Congreso Republicano de Aveiro em 1962, assinala a liña de rumbo

¹ FERNANDES, Rogério - “Historia das innovacións educativas (1875-1936)”. In NÓVOA, A., RUIZ BERRIO, J. – *A Historia da Educación em Espanha e Portugal. Investigacións e Actividades*. Lisboa: Sociedade Portuguesa de Ciências da Educación, 1993, p. 157.

que irá trilhar na sua vida como cidadão e historiador.

Rogério Fernandes licenciou-se em Ciências Histórico-Filosóficas pela Universidade de Lisboa em 1955 e foi convidado para 2.º Assistente na Faculdade de Letras de Lisboa, onde fora um brilhante aluno. Aí iniciou a sua vida profissional de professor e investigador (1957), tendo pedido a rescisão do contracto, por livre iniciativa, em 1960. *Publicou em 1961 Ensaio sobre a obra de Trindade Coelho*. Ingressou no jornalismo cultural através da revista Seara Nova (1962-1967), de que foi Director, e no jornalismo noticioso no jornal diário A Capital (1967-1970), de que foi fundador, chefe de redacção e onde coordenou a Secção de Educação, frequentemente censurada. Foi colaborador em revistas como a *Vértice*; *Colóquio*, *Educação e Sociedade* – 1.ª Série; assessor literário da Editora Livros do Brasil e Secretário da Direcção do Grémio de Editores e Livreiros. Entre 1960 e 1974 teve uma intensa actividade como crítico, ensaísta, tradutor, jornalista e investigador. Ainda assim encontra tempo para fazer poesia, alguma publicada e escrever o conto *Três tiros e uma mortalha*. Foi preso em 1962.

Entre 1970 e 1974 foi bolseiro do Departamento de Pedagogia do Centro de Investigação Pedagógica da Fundação Calouste Gulbenkian. Desse período destacamos algumas das obras que consideramos emblemáticas: *João de Barros – Educador Republicano* (1971); *Cartas de António Sérgio a Álvaro Pinto* (1972); *As ideias Pedagógicas de F. Adolfo Coelho* (1973).

Ingressou no Partido Comunista Português após o 25 de Abril, tendo sido eleito Deputado à Assembleia da República. Re-

presentou o PCP no Conselho Nacional de Educação (1988-1990) e foi vice-presidente do Conselho Nacional de Alfabetização e Educação de Base de Adultos, no âmbito da Assembleia da República.

Após a Revolução foi convidado por Vitorino Magalhães Godinho, Ministro da Educação do 2.º Governo Provisório, para o cargo de Director Geral do Ensino Básico. Aí reestruturou a formação de professores das Escolas do Magistério Primário, fez a primeira reforma do então ensino primário (1.º ciclo do ensino básico), criou as bibliotecas escolares no Ensino Básico. Exonerado em 1976, por motivos políticos, passou para a Inspeção Geral da Junta Nacional de Educação, sem funções atribuídas. Seria este “saneamento político”, pouco honroso para a Democracia, que facultou o seu regresso à Universidade. Convidado pelo Departamento de Química da Faculdade de Ciências de Lisboa para a docência da disciplina de História e Filosofia da Educação, desempenhou essa função gratuitamente entre 1977-1990, altura em que foi nomeado Prof. Auxiliar Convidado da mesma Faculdade. Publica *A pedagogia portuguesa contemporânea* (1979), *Bernardino Machado e os problemas da instrução pública* (1985).

Em 1994 concorre ao lugar de Prof. Associado da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Lisboa, onde foi Prof. Catedrático. Entre 1994-1996, foi consultor e coordenador de projectos internacionais, nas Repúblicas de Cabo Verde, São Tomé e Príncipe, Moçambique, e como docente no “Projecto Macau”. Professor visitante em diversas universidades públicas e privadas brasileiras, a ele se deve a aproximação e a colaboração que hoje desenvolvemos com

o Brasil e a realização dos Congressos Luso-Brasileiros de História da Educação, de que organizou o 1.º, na Gulbenkian em 1996. A ele se deve também a organização do 1.º Encontro Nacional de História da Educação, Gulbenkian, 1987. Foi Coordenador da Secção de História da Educação da SPCE, tendo sido um dos promotores da Sociedade.

Foi membro do Sindicato dos Professores da Grande Lisboa e Presidente do Instituto Irene Lisboa. Fez parte de comissões editoriais das revistas *Inovação*, *O Professor*, *Revista Brasileira de História da Educação*, entre outras.

Jubilou-se em 2003. Prosseguiu a sua actividade como investigador orientando trabalhos, recebendo bolseiros, participando em projectos de investigação, dando aulas na Universidade Lusófona e continuando a escrever História da Educação. Em 2009 viu financiado pela FCT um projecto sobre a história do movimento sindical dos professores.

Depositor à Ditadura, a jornalista, homem de letras e historiador que sempre foi, Rogério Fernandes deixou-nos uma extensa obra historiográfica que espelha, de certo modo, estas múltiplas facetas da sua vida. Mas como falar de uma pessoa com as qualidades e dignidade de Rogério Fernandes sem diminuir a sua imagem?

Rogério Fernandes, na esteira de grandes intelectuais portugueses que o precederam, publica uma parte significativa das suas obras à margem da Universidade, no compromisso entre o agir e a necessidade de reflectir a acção de modo informado. Com uma obra historiográfica muitíssimo vasta e multifacetada, será inútil a empresa de mostrar como cada texto tem elementos

que nos provocam a pensar, a contraditar, a persistir na investigação. O conjunto de textos dispersos que coligidos em *Rogério Fernandes: questionar a Sociedade, interrogar a História, (re)pensar a Educação*², dá uma perspectiva dessa produção, mas não a esgota: porque é uma parte apenas e porque ele continuou a escrever depois disso. Estou certa que a sua obra persistirá nos nossos trabalhos e questionamentos “como rumor” sempre presente, “mesmo onde predomina a actualidade mais incompatível”³. Com essa convicção, tentarei apenas testemunhar como a orientação, a leitura e o ter trabalhado com Rogério Fernandes de alguma forma foram formativas da minha experiência de historiadora da educação.

Entre 1993 a 2002, trabalhei regularmente com o Prof. Rogério Fernandes. Primeiro aceitou ser consultor do projecto sobre o Instituto do Professorado Primário - IPPOP, de que fui autora e investigadora principal⁴, logo a seguir como meu orientador e em simultâneo Coordenador Científico de outro projecto da minha autoria - “Para um Museu Vivo da Escola Primária” - para o qual trabalhámos entusiasticamente durante 4 anos. Com todos estes trabalhos se desenvolveu uma grande cumplicidade de perspectivas e actuação, que sedimentou uma sólida amizade, que muito me honra.

² Felgueiras, Margarida Louro; Menezes, Maria Cristina - *Rogério Fernandes: questionar a Sociedade, interrogar a História, (re)pensar a Educação*. Porto. Afrontamento/FPCE, 2004.

³ Calvino, Ítalo, *Por que ler os clássicos*. Companhia das Letras, 2007, p. 10.

⁴ Projecto financiado pela JNICT de que era coordenador científico José Alberto Correia.

Tendo eu iniciado a leitura da sua obra com o *Pensamento Pedagógico em Portugal* (1978), a minha grande descoberta foi *O despertar do Associativismo docente em Portugal* (1989). Um livrinho pequeno, que me passara inicialmente despercebido e que seria importante para o desenvolvimento do projecto que tinha em mãos⁵. Iguamente importante mas infelizmente não tão lido como devia ser e pouco citado, figura o livro *Os caminhos do ABC. Sociedade Portuguesa e Ensino das Primeiras Letras*, de grande rigor e fecundo em dados e ensinamentos, também metodológicos. Os anexos dão a ideia do volume e riqueza das fontes compulsadas. Dedicado ao ensino elementar régio abarca também a rede e as modalidades de ensino privado, em que mais uma vez foi pioneiro. Procurou confrontar o pensamento pedagógico com as práticas educacionais e organização da aprendizagem, realmente implantadas na sociedade portuguesa. Vai descobrindo para nós a vida da infância, do currículo, assinalando as importações que se realizaram da cultura extra – escolar para a cultura escolar, o papel desempenhado pelo livro e pelo mercado livreiro na estruturação das práticas educativas. Os mecanismos de administração do ensino assim como o das finanças da educação são aspectos por ele abordados. Constitui-se pois como uma referência obrigatória a quem quiser trabalhar o ensino elementar em Portugal.

A sua obra dispersa desbrava, igualmente, territórios ainda pouco percorridos entre nós ou para os quais chamou a atenção. O seu labor historiográfico provocou discursos críticos, de que ele retirava

sempre a necessidade de uma fundamentação histórica consistente, do debate de ideias, no compromisso sempre actualizado com as fontes e uma elaboração teórica prudente. Portador de uma sólida cultura humanista, cada vez mais rara, abarcou todos os períodos históricos da educação portuguesa, da alta Idade Média ao tempo presente.

Enquanto coordenador científico do projecto “Para um Museu Vivo da Escola primária” acompanhou de perto todo o desenvolvimento do trabalho da equipa de forma rigorosa, criando relações afáveis facilitadoras do trabalho e do empenhamento de todos. Com ele muito pude aprender, tendo sido para toda a equipa e para ele um tempo de trabalho entusiástico e, atrevo-me a dizer, feliz. Nesse contexto produziu reflexão sobre os museus pedagógicos e sobre “A cultura de escola: entre as coisas e as memórias”, em que recolhe e analisa depoimentos, reflecte sobre o interesse dos objectos, sobre as pessoas professores/as e estudantes, no que desig-nou ser a escola “um arquivo de alegrias e dores”⁶. A ele devo o contacto privilegiado com Hernandez Diaz, Júlio Bérrio, Aida Bañuelos, Vicente Peña Saavedra, Agustín Escolano, Antón Costa Rico, María Nieves Gómez.

Não nos é possível em poucas linhas dar conta do conjunto das suas obras e menos ainda do seu trabalho como investigador. Queremos, contudo, salientar que escreveu até ao último dia, tendo publicado textos em Portugal, Espanha, França e Brasil. Referencio aqui apenas os do último

⁵ Projecto IPPOP – O Instituto do Professorado Primário Português: história de uma instituição e de um grupo profissional, financiado pela JNICT, 1994.

⁶ FELGUEIRA, Margarida Louro (org.) – *Inventariando a escola nos arquivos escolares de Gondomar*. Gondomar :Câmara Municipal de Gondomar, 2008, p.27.

ano, que de algum modo sintetizam os temas que lhe eram mais caros: “O Município e a Instrução em Portugal no século XIX” (Sesimbra, 2009), “Pedagogia e Educação. Uma revisitação do ideário educacional de Bernardino Machado” (Famalicão, 2009), “A História da Educação e o seu Ensino” (Uberlândia, 2009), “Uma experiência de preservação do património escolar” (CHIELA, Rio de Janeiro, 2009), “Um marco no território da criança: o caderno escolar” (Rio de Janeiro, 2008). Dando provas de grande generosidade, procurou nos últimos anos ainda mais o trabalho colectivo, o apoio a quem o procurava, em prejuízo dos seus próprios projectos de investigação, instigando-nos à internacionalização.

As mensagens que recebi dos colegas de Espanha, Brasil, Bélgica e Itália todos me acompanham e são unânimes em salientar a sua personalidade, a alegria de viver, o fino sentido de humor, o carácter afável e a amena conversação, a grande generosidade que a todos acolhia ou ajudava. O testemunho de um colega brasileiro sintetiza um pouco a imagem que muitos recordamos: “sua inteligência aguda, seu bom senso na política e suas posições claras em favor das lutas sociais, da educação e da necessidade de sua história. Foi um homem valente, alegre e inspirador para muita gente. Perdemos, sem dúvida, um bom companheiro para comer, beber, pensar, sonhar, sorrir e lutar.”⁷

Queria ainda referir que em todos os seus trabalhos transparece o historiador da educação que olha para o passado mas não se aliena do tempo em que vive. Na dimensão do investigador acaba por transparecer, de algum modo, a valorização das

⁷ Gondra, José, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 4 de Março de 2010.

ideias que o cidadão Rogério Fernandes considerava importantes na marcha da Humanidade. Entre elas, seguramente o combate por uma escola sempre renovada, onde a criança e o jovem gostassem do agradável convívio com os professores e com o saber. O carácter multifacetado e a riqueza com que foi construindo a sua vida permite-nos lembrá-lo tanto como resistente que lutou pela liberdade como pela sua acção política durante a Ditadura e em Democracia, como homem de letras, director de revistas ou como membro do Sindicato dos Professores, como jornalista, historiador, professor ou orientador. Em todas estas actividades e lutas deixou a sua marca mas, como ele próprio me confessou, quando foi distinguido com a Grã Cruz da Ordem da Instrução⁸, a causa que lhe era mais cara e pela qual sempre se bateu ao longo da vida foi a Educação.

Tive o privilégio de merecer a sua amizade e foi com muita emoção que fui surpreendida pela família com a doação da sua biblioteca pessoal. O reconhecimento da sua vida e obra levou-me a pensar que não a poderia reter no circuito fechado do meu mundo familiar. Por isso ela será disponibilizada ao público na Universidade do Porto, depois de todo o processo burocrático e de feito o tratamento bibliográfico. Esperamos que possa ser motivo e motivadora de estudos e projectos vários.

Margarida Louro Felgueiras.

Porto, Outubro de 2010

⁸ Foi agraciado pelo Sr. Presidente da República, sua Ex.^ª Dr. Jorge Sampaio, com a Grã Cruz da Ordem da Instrução, em 2002, confirmando o reconhecimento público da sua obra em prol da Educação e da Democracia.